

Do libertário ao antifa: A chegada do antifa moderno no Brasil através das páginas do jornal Libera... Amore Mio

Thiago Todon Lopes Fernandes¹

Resumo: Este artigo analisa a formação do antifascismo contemporâneo no Brasil, destacando suas primeiras articulações nos anos 1990 e sua relação com as transformações globais do antifascismo após 1945. A partir da noção de antifascismo moderno de Mark Bray, entende-se o antifa como prática de ação direta, organização horizontal e vigilância cultural contra a normalização de movimentos neofascistas. No Brasil pós-ditadura, a permanência de estruturas autoritárias e a reorganização de correntes como o neo-integralismo, o neonazismo e o revisionismo histórico criaram um cenário fértil para resistências autônomas. Nesse contexto, o campo cultural urbano, especialmente o anarco-punk, tornou-se espaço central de experimentação política. Analisando o jornal Libera... Amore Mio, o estudo identifica como militantes definiam o fascismo, criavam repertórios de ação e estruturavam práticas de autodefesa, mostrando que o antifa brasileiro resulta de trajetórias locais conectadas a redes transnacionais.

Palavras-chave: Anarco-punk; Antifa; Antifascismo; Extrema-direita; Neofascismo.

From the libertarian to the antifa: The arrival of modern antifa in Brazil through the pages of the newspaper Libera... Amore Mio

Abstract: This article analyzes the formation of contemporary antifascism in Brazil, highlighting its first organized expressions in the 1990s and its connection to global transformations in antifascism after 1945. Following Mark Bray's notion of modern antifascism, antifa is understood as a practice of direct action, horizontal organization, and cultural vigilance against the normalization of neofascist movements. In post-dictatorship Brazil, the persistence of authoritarian structures and the reorganization of currents such as neo-integralism, neonazism, and historical revisionism created a fertile environment for autonomous resistance. Within this context, urban cultural

¹ ttfernandes@gmail.com. <https://orcid.org/0009-0008-9107-6620>. Mestre em História Política pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil.

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

spaces, especially the anarcho-punk scene, became central sites of political experimentation. Drawing on the newspaper *Libera... Amore Mio*, the study examines how militants defined fascism, developed repertoires of action, and organized practices of self-defense, showing that Brazilian antifa results from local trajectories connected to transnational networks.

Keywords: Anarcho-punk; Antifa; Antifascism; Far-right; Neofascism.

Introdução

As organizações que hoje se reconhecem sob o rótulo antifa ocupam um lugar de crescente relevância histórica. Mesmo que suas fronteiras organizacionais não sejam plenamente nítidas, característica própria desse modelo contemporâneo de organização, elas se consolidam como uma das primeiras zonas de atrito frente à expansão recente da extrema-direita. Tratam-se de coletivos que emergem no calor dos acontecimentos, no interior de conflitos que se aceleram no mesmo ritmo em que se tornam objeto de análise. Henry Rousso¹ lembra que o estudo do tempo presente exige atenção à pressa dos fatos e à instabilidade interpretativa que marca fenômenos ainda em curso, atravessados por um passado que insiste em não cessar seu retorno. A dinâmica antifa se insere nesse terreno instável, onde a politização assume formas fluidas e onde o presente, ainda em disputa, se torna objeto legítimo de investigação histórica.

Em um contexto político que contempla crescente autoritarismo e imperialismo, como exemplifica o segundo governo de Donald Trump, a normalização da violência política o aumento de gestos, símbolos e narrativas que evocam imaginários fascistas, o antifa tornou-se alvo preferencial das polícias de segurança nacional. Nesse ambiente de confrontos intensificados, o antifa converte-se em peça central de disputas simbólicas que ultrapassam fronteiras e redefinem o campo da resistência política contemporânea.

Entre 2019 e 2023, durante o governo de Jair Messias Bolsonaro, esse tensionamento tornou-se particularmente evidente no Brasil. O movimento antifa ganhou visibilidade tanto pela presença em manifestações de oposição quanto pela perseguição institucional e midiática que buscava enquadrá-lo como ameaça à ordem pública. Episódios como a repostagem de Bolsonaro de uma convocatória antifa no Instagram^{II}, a ação ofensiva de parlamentares contra coletivos autônomos e a elaboração de um dossiê antifascista^{III} levado aos Estados Unidos pelo deputado Eduardo Bolsonaro^{IV} demonstram como esse campo político se tornou alvo estratégico.

No entanto, as raízes dessas manifestações antecedem em muito esse ciclo de visibilidade pública e a elevação de patamar da extrema-direita que trouxe a primeira eleição do atual presidente estadunidense.

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

Assim como observado em países como na Inglaterra e outros países, o primeiro palco de emergência do antifa moderno no Brasil também não esteve nas grandes manifestações políticas, mas no campo cultural e contracultural do punk, especialmente em sua vertente anarquista conhecida como anarco-punk. É nesse ambiente, conforme assinala Mark Bray^v, que se formam os elementos constitutivos do antifascismo contemporâneo, que combina ação direta, estética combativa, horizontalidade organizativa e crítica radical ao fascismo.

Esse conjunto de práticas chega ao Brasil nos anos 1990, período marcado não pelo trauma europeu da Segunda Guerra Mundial, como foi na Inglaterra, mas pela herança das ditaduras militares latino-americanas, articuladas sob a lógica geopolítica do Plano Condor. O avanço de grupos vinculados a ideais eugenistas e de segmentos reorganizados da extrema-direita nesse contexto funciona como catalisador para as primeiras expressões brasileiras do antifa moderno.

É a partir desse enquadramento que este artigo se estrutura. A proposta é apresentar o antifa como um posicionamento que opera em múltiplas escalas e que, no caso brasileiro, manifesta-se pela primeira vez nos anos 1990 diante do crescimento de grupos neonazistas e supremacistas brancos. Para compreender essa formação específica, o percurso analítico seguirá três movimentos encadeados.

Primeiramente, examina-se a emergência global do antifascismo moderno após a Segunda Guerra Mundial, observando sua recomposição cultural e política. Em seguida, analisa-se o panorama político brasileiro do pós-ditadura, marcado pela reorganização das direitas, pelas heranças autoritárias do período militar e pela presença do anarco-punk como campo de experimentação política. Por fim, o estudo dedica-se à análise das páginas do jornal *Libera... Amore Mio*, fonte privilegiada para compreender a chegada, adaptação e formulação do antifa moderno no Brasil, uma vez que o periódico registra como seus autores nomeiam o fascismo, identificam adversários, constroem repertórios de ação e organizam práticas de autodefesa. Nesse terceiro espaço, as perguntas “como se organizaram?” e “o que denunciavam como fascismo?” orientam a leitura e a estrutura do capítulo, funcionando como fio condutor para interpretar a prática política e os sentidos mobilizados pelos autores do jornal.

Estudar a emergência do antifa brasileiro por meio desse material não implica apenas reconstruir um momento pouco documentado da resistência política no país. Representa também um exercício metodológico de história do tempo presente, capaz de iluminar as tensões entre memória, poder e resistência que moldam nossa atualidade. Ao recuperar essas primeiras expressões de uma cultura antifascista autônoma, torna-se possível compreender a profundidade histórica das barreiras simbólicas, organizativas e comunitárias que se erguem diante de formas antigas e novas de autoritarismo. O artigo busca oferecer uma narrativa que situe o antifa brasileiro não como fenômeno súbito, mas como resultado de trajetórias locais e fluxos transnacionais que se cruzam no ponto em que cultura, política e resistência se tornam inseparáveis.

O antifa moderno: Emergência global e transformações pós-guerra

O antifascismo moderno, tal como formulado por Mark Bray^{vi}, parte da premissa de que o fascismo não desapareceu com 1945. Ele persiste como discurso, cultura política e forma recorrente de violência, adaptando-se a novos contextos e operando de maneira intermitente. Nesse cenário, o antifa moderno constitui um segmento específico dessa tradição mais ampla, surgindo da intersecção entre a política socialista e a estratégia de ação direta^{vii}. Sua prática concentra-se menos no combate a regimes consolidados e mais na tentativa de impedir o crescimento, a visibilidade e a normalização de grupos neofascistas antes que adquiram força institucional. Enquanto o antifascismo contemporâneo abrange diferentes formas culturais, sociais e institucionais de resistência ao autoritarismo, o antifa atua de forma preventiva sobre os espaços simbólicos e territoriais onde essas organizações procuram se reorganizar.

Para compreender esse processo, é necessário considerar a transição do pós-1945. A derrota militar das potências fascistas não eliminou essa corrente política, que permaneceu viva entre seus seguidores e passou a se reorganizar de acordo com as condições históricas de cada contexto nacional. Cas Mudde^{viii}, interpreta essa trajetória como uma sucessão de quatro ondas de reorganização da extrema-direita. A primeira corresponde ao neofascismo do imediato pós-guerra, ainda nostálgico e marginal. A segunda refere-se ao populismo de direita que, entre as décadas de 1950 e 1980, reagiu às elites políticas e ao Estado de bem-estar social. A terceira caracteriza a direita radical que, entre 1980 e 2000, incorporou a lógica parlamentar e ganhou força eleitoral com agendas nacionalistas, anti-imigração e antiglobalização. A quarta onda corresponde à consolidação de um populismo radical de direita globalizado, articulado a plataformas digitais, redes transnacionais e discursos iliberais que passaram a ocupar posições centrais no debate político, atualizando os antagonismos históricos do fascismo ao direcioná-los contra imigrantes, minorias étnicas, movimentos feministas, populações LGBTQIA+ e instituições supranacionais.

No Reino Unido, logo após a guerra, seguidores de Mosley mantiveram ativas campanhas racistas e antisemitas. Em resposta, veteranos judeus criaram o *43 Group*, que utilizava contra-informação, infiltração e autodefesa como forma de impedir a reorganização neofascista. Essa estratégia de ação direta inspirou moradores de bairros populares e se tornou referência para gerações posteriores^{ix}.

O aumento das migrações pós-coloniais nas décadas de 1950 e 1960 provocou uma reação violenta por parte de setores neonazistas e nacionalistas brancos na Europa, que passaram a direcionar ataques especialmente contra populações negras e asiáticas. Em resposta, surgiram coletivos de autodefesa e solidariedade, como o *Yellow Star Movement*, que buscavam proteger comunidades

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

racializadas e denunciar a expansão da extrema-direita. Na década de 1970, o recrudescimento organizado do militantismo neofascista estimulou o fortalecimento de grupos como o *Group 62*, herdeiro direto da postura combativa do *Group 43*, ambos marcados pelo engajamento frontal contra manifestações públicas do racismo e do autoritarismo. Esse cenário culminou, em 1977, na chamada “Batalha de Lewisham”, quando uma ampla frente de resistência – formada por feministas, negros, asiáticos, punks, LGBTQ+, socialistas e anarquistas – confrontou a *National Front*^x nas ruas, inaugurando uma ação coletiva que unia cultura juvenil, luta antirracista e mobilização política. Dessa configuração emergiu a *Anti-Nazi League*, cuja atuação consolidou um novo modelo de articulação entre estética, sociabilidade e prática militante que depois influenciaria movimentos antifascistas em diversas partes do mundo^{xi}.

A Anti-Nazi League inaugurou um modelo singular de articulação antifascista ao combinar estética, sociabilidade juvenil e prática militante multissetorial, especialmente quando atuava em parceria com a Rock Against Racism. Sua linguagem visual simplificada, a presença massiva em circuitos musicais ligados ao punk e ao pós-punk e a capacidade de transformar shows e espaços culturais em ambientes de politização tornaram-se referência internacional. Esse formato híbrido influenciou diretamente a formação do antifa moderno em diferentes países, aparecendo na Alemanha por meio das práticas organizativas dos Autonomen e dos primeiros coletivos Antifa, nos Estados Unidos por meio da Anti-Racist Action, que articulava fanzines, shows e autodefesa juvenil, e também em experiências italianas de centri sociali e em iniciativas espanholas, portuguesas e gregas que entrelaçaram cultura popular, mobilização interseccional e ação comunitária no enfrentamento ao autoritarismo^{xii}.

De acordo com a análise de Geoff Eley^{xiii}, o antifascismo entrou em declínio no pós-guerra devido à dispersão das energias políticas acumuladas pela resistência, ao mesmo tempo em que a Guerra Fria reorganizou prioridades e deslocou a unidade antifascista para a lógica de alinhamentos geopolíticos. Esse contexto coincidiu com uma crise mais ampla da esquerda ocidental descrita por Nancy Fraser^{xiv} e Sabrina Fernandes^{xv} marcada pela separação entre teoria e prática, pela tecnocratização da social-democracia e pela redução das lutas emancipatórias à lógica do reconhecimento, com o consequente enfraquecimento da crítica ao capitalismo.

A social-democracia europeia consolidou arranjos que ampliaram direitos, mas preservaram limites estruturais do capitalismo e mantiveram formas de propriedade pública distanciadas da participação popular, alimentando a sensação de que decisões fundamentais ocorriam longe das comunidades. A persistência da desigualdade e a perda de horizonte transformador desgastaram as bases sociais da esquerda e abriram espaço para projetos autoritários que recuperaram elementos discursivos do neofascismo. Foi nesse ambiente de fricção que novas gerações de militantes antifascistas passaram a desenvolver práticas mais horizontais, culturais e autônomas, interessadas tanto em enfrentar grupos fascistas quanto em intervir nas condições sociais que permitiam sua reemergência. A crise

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

econômica dos anos 1970 acentuou essa trajetória. O colapso do modelo keynesiano, a inflação e o desemprego abriram espaço para o neoliberalismo. A partir daí, a esquerda institucional passou a agir quase exclusivamente como administradora do possível.

Paralelamente, subculturas juvenis tornaram-se vitrines ideológicas. O surgimento da cultura skinhead, originalmente multirracial e trabalhadora, foi parcialmente capturado pela extrema-direita nos anos 1970. A banda *Skrewdriver* desempenhou papel central na reorganização simbólica e cultural do fascismo entre jovens. A reação veio pelo movimento *Rock Against Racism* (RAR), que usou a música como arma política, reunindo punks, negros, imigrantes e trabalhadores sob a bandeira do antirracismo. O lema “No Fun” expressava rejeição ao ódio e defesa de uma cultura politizada e combativa^{xvi}.

A resistência se espalhou pela Europa. Na França dos anos 1980, com a ascensão do *Front National* e ataques racistas, surgiram grupos de autodefesa como *Black Dragons*, *Red Warriors*, *SCALP* e a rede *No Pasarán*. Esses coletivos incorporavam elementos do autonomismo italiano e mantinham viva a memória da Guerra Civil Espanhola. Na Alemanha e na Holanda, grupos antifascistas desenvolveram táticas como o *black bloc* e se conectaram a movimentos de ocupação urbana, ambientalistas e feministas^{xvii}.

A América do Norte viveu processo semelhante. No final dos anos 1980, os *Baldies de Minneapolis* organizaram ações de rua contra neonazistas e formaram a *Anti-Racist Action*, que combinava vigilância comunitária, contra-informação e confrontos estratégicos. A ARA influenciou grande parte do antifascismo norte-americano e se tornou referência internacional pela horizontalidade e pela autonomia tática^{xviii}.

Esse conjunto de experiências forma o que Bray denomina antifascismo moderno, um modelo descentralizado, local, orientado pela autodefesa de comunidades ameaçadas, pela vigilância cultural e pela ação preventiva. Ele surge da compreensão de que a disputa não ocorre apenas no campo institucional, mas também no simbólico, no estético e no cotidiano. Sua força está na capacidade de impedir a normalização do fascismo antes que ele se torne estrutural.

Ao observar esse panorama global levando em consideração a sobrevivência do fascismo após 1945, pela crise da esquerda institucional e pela reorganização de resistências nas periferias urbanas, nas subculturas e nos movimentos autônomos, torna-se possível compreender o caso brasileiro. As condições que permitiram o surgimento dos coletivos antifa no Brasil pós-ditadura se conectam diretamente a esse contexto internacional, às fraturas da Nova República, à reorganização da extrema-direita e à herança das lutas populares.

Panorama político da redemocratização no Brasil após a Ditadura Militar

Como afirma Neto^{xix}, a transição do século XX para o XXI no Brasil ocorreu dentro de um movimento mais amplo na América Latina, marcado pelo colapso da

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

União Soviética e pelo fim da Guerra Fria. Nesse contexto, as elites civis herdeiras das ditaduras adaptaram seus discursos às novas expectativas democráticas, ainda que de forma superficial. Com o tempo, o desgaste da memória coletiva sobre as violações cometidas pelos regimes militares abriu espaço para a retomada de discursos conservadores, que gradualmente recuperaram legitimidade pública.

A reorganização das direitas latino-americanas nesse período ocorreu em meio a crises econômicas recorrentes, mas a recomposição da direita radical seguiu caminhos distintos no Brasil. Enquanto na Europa a extrema-direita encontrou canais de reconstrução em partidos formalizados e estruturas institucionais estáveis, no cenário brasileiro ela se rearticulou de maneira fragmentada, pouco institucionalizada e muitas vezes marcada por aventureirismo político^{xx}.

Enquanto partidos como PSDB e PMDB consolidavam a direita democrática dentro das regras da jovem redemocratização, uma camada subterrânea e dispersa de grupos e iniciativas radicais buscava terreno em circuitos marginais, como neo-integralistas, células neonazistas, cenas skinhead nacionalistas, redes negacionistas e projetos partidários efêmeros como o PNSB e o PRONA. Esses grupos, embora minoritários em termos eleitorais, produziram impacto simbólico desproporcional ao mobilizar repertórios de antagonismo, violência identitária e discursos abertamente antidemocráticos, ocupando zonas desestruturadas do campo político e convertendo-se em polos de radicalização^{xxi}.

Com o fim da ditadura militar em 1985, o Brasil entrou em uma redemocratização paradoxal. Embora o regime não tenha se assumido como fascista – ao contrário, buscou legitimar-se como bastião da “democracia ocidental” durante a Guerra Fria –, a ausência de uma justiça de transição efetiva permitiu que estruturas autoritárias permanecessem intactas. Esse vazio abriu caminhos para a reorganização de movimentos extremistas adaptados ao novo ambiente político, que misturavam heranças locais com influências internacionais.

Segundo Neto^{xxii}, três frentes se destacaram nesse período: o neo-integralismo, o neonazismo e o revisionismo histórico. O neo-integralismo tentou revitalizar o legado de Plínio Salgado, dividindo-se entre correntes memorialistas e grupos que buscavam reinserção institucional. Suas aproximações com skinheads nacionalistas revelam como a estética autoritária encontrou, em nichos juvenis urbanos, terreno fértil para renovação simbólica.

O neonazismo brasileiro, por sua vez, oscilou entre tentativas formais de organização partidária e redes subterrâneas conectadas ao *Blood and Honour*^{xxiii}. Ainda que numericamente reduzidos, esses grupos exerceram protagonismo na violência racial e homofóbica dos anos 1990, especialmente no Sul e Sudeste. Suas práticas refletiam uma adesão transnacional a códigos estéticos, musicais e comportamentais que circulavam pela internet nascente e por redes informais de socialização.

O revisionismo histórico emergiu como um dos braços mais eficazes dessa extrema direita em reorganização, representado pela Editora Revisão^{xxiv}. Obras como as de Ellwanger, que relativizavam o Holocausto e reabilitavam regimes autoritários,

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

funcionaram como instrumentos de corrosão da memória histórica. Mesmo após sua condenação pelo STF em 2003, tais narrativas se dispersaram, migrando para ambientes digitais que mesclavam negacionismo, teorias conspiratórias e discursos de guerra cultural.

Nesse sentido, a extrema direita brasileira pós-ditadura não pode ser compreendida como simples resíduo do regime militar, mas como fenômeno híbrido, que reelaborou tradições autoritárias nacionais ao mesmo tempo em que absorveu repertórios globais. Essa reconfiguração explica a capacidade desses movimentos de atuar simultaneamente no plano institucional, nas ruas e em redes subterrâneas de desinformação e ódio, colocando desafios profundos para a consolidação da democracia brasileira.^{xxv}

Já nos campos mais à esquerda, durante os anos 1980, enquanto a política se reorganizava, setores progressistas também buscavam recompor forças. As Diretas Já mobilizaram milhões e enfraqueceram o núcleo duro do regime militar, pavimentando o caminho para a Nova República. No entanto, a redemocratização garantiu liberdades políticas sem promover transformações estruturais na economia, o que produziu tensões duradouras entre expectativas populares e reformas efetivamente implementadas.^{xxvi}

De acordo com Saad-Filho e Moraes^{xxvii}, ao longo das décadas de 1980 e 1990 o Partido dos Trabalhadores tornou-se a principal força da esquerda brasileira, apoiado por sindicatos e movimentos populares como a CUT e o MST. Apesar de divergências internas, o partido cresceu ao adotar posição crítica ao neoliberalismo e ao se distanciar da política tradicional, mantendo postura de oposição aos governos de Tancredo Neves e José Sarney, o que reforçou sua identidade como alternativa às elites e defensor dos trabalhadores.

Mesmo com avanços democráticos, esse ambiente revelou fissuras profundas. A permanência de estruturas autoritárias, a falta de responsabilização pelos crimes da ditadura e a fragmentação crescente da esquerda criaram um terreno instável que favoreceu o surgimento de lutas políticas e culturais autônomas fora dos marcos institucionais tradicionais.

Nesse contexto, o campo cultural urbano tornou-se decisivo. Espaços juvenis como o punk e as sociabilidades periféricas funcionaram como zonas de experimentação política e estética, em oposição à ordem estabelecida, e foram fundamentais para a consolidação do anarco-punk brasileiro enquanto força própria. Atuando à margem dos partidos e sindicatos, esses coletivos enfrentavam diretamente violências racistas, ataques neonazistas e repressão policial, articulando redes internacionais e produzindo um ambiente de politização que deu origem às primeiras expressões de um antifascismo moderno, distinto tanto das tradições históricas quanto das formas institucionais de militância.

Nesse sentido, a redemocratização brasileira configurou uma abertura política incompleta, marcada pela permanência de dispositivos institucionais e culturais herdados da ditadura. A ausência de uma justiça de transição efetiva, a manutenção das polícias militares como forças de caráter bélico, a lógica penal seletiva e a

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

continuidade de práticas de exceção aplicadas principalmente sobre a juventude negra e periférica revelam como estruturas autoritárias seguiram moldando a vida social após 1985. Essa convivência entre um sistema formalmente democrático e mecanismos de controle forjados no autoritarismo criou um ambiente em que discursos de criminalização da pobreza, higienização social e segurança pública militarizada prosperaram, antecipando, no cotidiano, elementos de fascistização que mais tarde se tornariam explícitos com a reorganização da extrema-direita. É sobre esse terreno híbrido, simultaneamente liberalizado e repressivo, que surgem as primeiras expressões brasileiras do antifascismo moderno.

Assim, ao final dos anos 1980 e início dos 1990, o Brasil reunia todos os elementos para receber o embrião do antifa moderno, frente a reorganização da extrema direita, o esgarçamento das forças progressistas tradicionais, a explosão de culturas juvenis politizadas e a circulação global de símbolos, táticas e discursos. Esse conjunto de fatores preparou o terreno para a chegada das primeiras manifestações antifascistas autônomas que, no subcapítulo seguinte, serão examinadas a partir das publicações do *Libera... Amore Mio*.

O antifascismo moderno nas páginas do Libera... Amore Mio

Ao observar esses eventos, percebe-se que os confrontos entre subculturas, embora mais visíveis e violentos, compunham um cenário político mais amplo, atravessado por diversos grupos identitários articulados por princípios libertários que orientavam o movimento anarquista. Nesse contexto, o periódico *Libera... Amore Mio*, produzido pelo CEL (Centro de Estudos Libertários) e vinculado à FARJ (Federação Anarquista do Rio de Janeiro), torna-se uma fonte privilegiada para compreender como o antifascismo se aproximou dessa tradição, permitindo identificar tanto o que esses coletivos denunciavam como fascismo na década de 1990 quanto as formas pelas quais assimilaram e adaptaram, à realidade brasileira, elementos do modelo antifa então difundido internacionalmente.

Na primeira página publicada, é dito que o CEL, “vem cumprir sua razão de ser, isto é, um centro e estudos e Reflexão do Pensamento e Ação Libertárias”^{xxviii}, para:

“criar um espaço para discutir a história das lutas sociais e através da troca de ideias e pesquisas, aglutinar elementos que estejam fatigados, tanto na ditadura burocrática do marxismo-leninista como da corrupção e incompetência do Estado e parlamentos capitalista.”^{xxix}

Sendo assim, o jornal propunha pensar uma terceira via libertária fora das velhas tradições da esquerda, além de não compactuar com o neoliberalismo. A partir de suas publicações, conseguiremos interpretar como os anarquistas enxergavam as expressões fascistas desse período e como se mobilizavam contra elas.

De início, ainda na primeira publicação, é justificado que o surgimento do jornal se deu ao contexto de “monstruoso crescimento da miséria social e descrédito

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

da população em seus governantes”, denunciando a “falência desses projetos políticos”. Nesse panorama, além de servir más condições à população, o jornal atesta que a insuficiência governamental também “aumentam as possibilidades das ideias libertárias e a prática pela ação direta”^{xxx}.

No número seguinte, sob o título “Análise comportamental da sociedade”, dissertaram acerca da preocupação com os cidadãos brasileiros, envolvidos pela “apatia”, criado através da descrença no “mau caratismo dos governantes e ‘lideranças populares’”, que segundo os mesmos, apenas lhes interessava verdadeiramente “a manutenção do *status-quo* e das relações de poderes vigentes”, “através das ditas ‘eleições democráticas’, do controle dos veículos de comunicação e o populismo, meios e instrumentos de dominação de um povo”^{xxxi}. Finalizando a matéria, assiste à provocação, “Será apatia realmente? Ou será uma resposta silenciosa e pacífica da massa ao desrespeito e descaso de como são tratados?”.

A leitura dessas primeiras edições aproxima o discurso libertário do panorama político mais amplo da época, marcado pela combinação entre abertura democrática e continuidade de estruturas autoritárias. Durante o governo Fernando Collor de Mello, ao denunciar a falência dos projetos políticos vigentes, o jornal enfatiza que o Estado burguês mantinha seu núcleo de dominação ao atender apenas demandas sociais que não ameaçassem suas bases estruturais.

Na mesma direção, é pertinente a análise dos objetivos elencados na primeira edição de 1992^{xxxii}, onde os anarquistas expunham a urgência da sua consolidação como movimento social. Para isso, a continuidade da matéria exhibe os temas com que o movimento vai se empenhar durante o ano, como o Encontro Interamericano de São Paulo, as comemorações do dia 1 de maio de 1992, a ECO-92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente) e o aniversário de descobrimento da América em outubro. Para os anarquistas, a nova ordem democrática e neoliberal era mais uma faceta do imperialismo capitalista, agora sob enganação democrática. Assim, sua maneira de atuação era a participação de todas as manifestações sociais, pois em sua leitura, todas eram consequências da lógica destrutiva do capital.

Na matéria “Corram que a polícia vem aí 2”^{xxxiii}, onde rechaçam a transmissão de uma execução pela Rede Globo, fica clara a interpretação acerca do funcionamento das forças coercitivas que sustentavam a ordem do Estado. No episódio relatado, um homem que havia assaltado uma loja de um shopping foi morto pela polícia militar na frente do estabelecimento. A matéria exibida pela emissora, recebida com clamor, foi interpretada como uma “punição de maneira exemplar” do novo sistema elitista e burguês:

As instituições do sistema capitalista funcionam de forma diferente do que prega o discurso estatal. Com as instituições policiais acontece o mesmo. Há um interesse concreto da classe dominante, em continuar havendo tráfico de drogas, de armas e outras formas de crime. Mesmo porque a criminalidade serve para justificar a existência de órgãos de repressão cuja verdadeira função é garantir a propriedade privada e os demais privilégios das elites. O Estado precisa de um inimigo para legitimar sua violência. Como não há nenhum movimento revolucionário ameaçando o sistema, o narcotráfico é

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

estimulado e combatido simultaneamente, como fonte de lucros e inimigo da sociedade^{xxxiv}.

Dessa maneira, a mentalidade “bandido bom é bandido morto” é exibida como expressão de um novo mecanismo fascistizante. Em vista da ausência de inimigos públicos – como o forte anticomunismo colocava a opinião pública contra os comunistas guerrilheiros –, é dado como conveniente e necessário às elites dominantes a manutenção do tráfico de drogas, armas e outros rótulos que colocassem a favela como campo de combate e a população marginalizada como figura representante da violência e da ameaça social.

Dez anos depois, em 2005, a matéria “O grito dos excluídos”^{xxxv}, protagoniza mais uma crítica ao funcionamento do estado burguês, assistido cada vez mais consolidado e dessa vez, durante o primeiro governo petista, que propunha uma aliança entre um socialismo cada vez mais moderado e o neoliberalismo:

Dia 7 de setembro é eleito pelo governo brasileiro como a data de sua Independência. Diferente de outras datas comemorativas, é nesta ocasião que se abrem cortejos em todas as capitais do país para o desfile de grupos representantes das forças do estado, com maior ênfase, os militares. Felizmente, para o povo em geral, tirando aqueles que vão aos desfiles para apreciar as fantasias verde-oliva e o espetáculo da virilidade bélica, este não é mais do que um dia de folga e descanso do trabalho. Porém, esta parte da sociedade observa confusa ou revoltada o fetichismo nacionalista. Os que recordam da história acham contraditória a rememoração atual de uma libertação colonial, em que a nobreza brasileira dava fim ao domínio político do império português. Lembre-se que o fim da colonização portuguesa apenas fundou o início de nossa dependência aos acordos econômicos internacionais, na época com a Inglaterra, e bancava-se na escravidão dos trabalhadores vindos da África e espoliação dos demais habitantes daqui. Desde lá, apesar das muitas resistências populares, as nossas relações não se modificaram significativamente a ponto de nos considerarmos independentes. Somos ainda cativos dos sistemas financeiros internacionais, cativos do imperialismo renovado (estadunidense), cativos dos valores capitalistas, cativos de um sistema político elitista, autoritário e auto privilegiaria, cativos dos sistemas de trabalho altamente exploratórios e sem nenhuma utilidade direta para nossas vidas, etc. Enfim, os próprios que nos mantêm na dependência, posam de galo (e de gala) na avenida^{xxxvi}.

Como mostra a arguição, o jornal destaca que, apesar das resistências populares, o Brasil permanecia estruturado por um sistema político elitista e autoritário, e que a constante celebração do nacionalismo alimentava um fetichismo das elites que seguiam mantendo o povo em condição de subordinação. Nesse mesmo panorama, os anarquistas lembraram que, nos eventos dessa natureza, sempre estiveram presentes os representantes do “grito dos excluídos” e que “desde o início do governo Lula, o Grito, quando não era abafado, era taxado de fora do tom.”, demonstrando a aversão da esquerda institucional hegemônica aos segmentos mais radicais do mesmo escopo político.

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

Voltando ao contexto da década de 90, na página dois da edição de abril de 1995 é encontrada a primeira menção a uma articulação com a alcunha *antifascista*^{xxxvii}, o Comitê Pró-Liga Antifascista do Rio Grande do Sul, que compartilhava uma carta de princípios no campo “Sul Libertário”. No texto, é exposto um posicionamento claro contra o crescimento de manifestações nacionalistas e neofascistas no Brasil, destacando a articulação de grupos como os carecas e sua ideologia xenófoba e autoritária. O texto critica a violência desses grupos, especialmente contra minorias e dissidentes, e denuncia a infiltração de ideias fascistas em movimentos inicialmente não ligados ao nacionalismo, como o movimento skinhead, que no início possuía uma abordagem inclusiva. A carta convoca os movimentos sociais progressistas e libertários a se unirem na luta contra essas manifestações fascistas, reafirmando o compromisso com a solidariedade, resistência e oposição ao sistema capitalista e suas expressões de discriminação e opressão:

O comitê pró-liga antifascista do Rio grande do Sul, representado aqui por entidades e indivíduos comprometidos com a permanente denuncia e combate às agressões fascistas praticadas contra o movimento dos trabalhadores, da juventude, das ditas “minorias”, de todos os que se recusam a compartilhar concepções racistas e reacionárias, conclama os movimentos sociais progressistas, de esquerda e libertários a somarem-se neste combate sem tréguas. Compreendemos que esta ação unitária exige uma visão coerente do perfil e das propostas a serem assumidas por este movimento de resistência e contraposição à ofensiva da direita e seus agentes, institucionais ou não. Esta sucinta elaboração, sem dúvida, garantirá a necessária homogeneidade na diversidade e a constituição de um referencial para todos os que venham se somar neste justo combate. Nesse sentido, preliminarmente, propomos: 1. O combate comum, a denúncia de todas as manifestações e atividades de cunho fascista; 2. A solidariedade entre grupos e membros do movimento diante de qualquer ataque ou provocação que qualquer um sofra dos grupos fascistas; 3. A resposta imediata e contundente, no teor que for necessário, às violências praticadas por membros de grupos a serviço das discriminações e do capital; 4. A oposição intransigente ao sistema capitalista e à sociedade de classes que promovem a brutalização e a destruição dos seres humanos, barbarizando suas relações; 5. O apoio a todas mobilizações e lutas dos trabalhadores do campo e da cidade, destacando-se a luta dos sem-teto e dos sem-terra que, nos embates, colocam em xeque a dominação capitalista e seu regime opressor; 6. Por fim, alerta o movimento dos trabalhadores, os operários em particular do retrocesso e perigo que significam proposições vindas de elementos vinculados a gangs White Power, carecas do Brasil, membros da TFP, separatistas da Republica dos Pampas, “historiadores” ditos revisionistas e demais racistas, assumidos ou não, sempre prontos a destilarem seu ódio sobre os trabalhadores. [...] Em primeiro lugar, nos acostumamos atribuir aos carecas a autoria dessas manifestações. Sabemos e temos provas materiais do profundo envolvimento de grupos carecas com ideias e atitudes fascistas e até com grupos integralistas. É claro a todos nós o envolvimento dos carecas do RJ e SP com a Frente Nacionalista Brasileira (FNB) e o Partido Nacional Socialista Brasileiro (PNSB) em meados de 1989, e que resultou numa grande influência das concepções fascistas pela velha guarda do Sr.Zanine. Muitos

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

desses carecas, hoje lideram grupos nacionalistas. O desprezo e o preconceito com homossexuais é ponto de honra para esses grupos. Mas, se faz necessário fazer ressalvas. nem todo careca é fascista ou nacionalista e, muitos fascistas se infiltram dentro do movimento careca, sob a sombra do nacionalismo, para germinar ideias de discriminação e autoritarismo, o que, infelizmente, em parte conseguem. A cultura careca ou skin nada tem a ver com o nacionalismo e os preconceitos defendidos hoje por cabeças fracas. Movimento surgido como herança dos Rude Boys ingleses, os skins originais abrigavam muitos imigrantes, e tem a música negra do ska jamaicano misturada com letras de protesto que falam do sofrimento da classe trabalhadora e dos imigrantes. Nada de nacionalismos, portanto, muito menos de fascismo. Mas foi o British National Front que se infiltrou entre as mais fracas cabeças do movimento e disseminou a ideia nacionalista, preparando campo para o fascismo que hoje caracteriza grande parte do movimento^{xxxviii}.

A articulação antifascista pioneira interpretava o fascismo como produto do imperialismo nacionalista e via a expansão da extrema-direita brasileira como parte de uma dinâmica transnacional que cooptava jovens, especialmente grupos skinheads, para atuar como linha de frente de seu projeto político-cultural. Ao enfatizar que a cultura skin original – herdeira dos Rude Boys jamaicanos, multirracial, proletária e musicalmente ligada ao ska – nada tinha a ver com nacionalismo ou ódio, os militantes denunciavam como grupos neofascistas, partidos como PRONA e PNSB e redes revisionistas, incluindo a Editora Revisão, distorceram essa tradição para fins autoritários. Diante disso, o Comitê Pró-Liga Antifascista do Rio Grande do Sul defendia uma frente unificada baseada em solidariedade, combate direto às agressões e oposição intransigente ao sistema capitalista e à sociedade de classes, alertando para o avanço de grupos racistas como White Power e carecas nacionalistas, bem como para discursos separatistas, xenófobos e homofóbicos.

A partir dessas referências, delinea-se a visão de fascismo adotada pelos primeiros antifascistas do período, centrada tanto na reorganização explícita de grupos neofascistas quanto no avanço de discursos autoritários legitimados pelo revisionismo histórico e pela aproximação de partidos com pautas nacionalistas radicais. Entretanto, a leitura libertária avançava para além do perigo imediato e denunciava um processo estrutural de fascistização na Nova República, marcada pela permanência de vínculos elitistas, pela normalização da violência policial e pela criminalização da pobreza como pilares de estabilidade social. Nesse contexto, a frente antifascista articulada ao movimento anarquista rejeitava qualquer centralismo e apostava no federalismo como princípio organizativo, fortalecendo lutas autônomas e horizontais voltadas à construção de uma sociedade socialista e libertária.

Com isso, na edição de agosto de 1996, é explicado na matéria “Luta Autônoma”^{xxxix}, como essa independência é articulada na mobilização de um movimento maior. Primeiro, em apresentação é dito que, a “autonomia não é uma ideologia, nem mesmo uma política, mas uma alternativa à política”, “se trata da tendência revolucionária que não se deixou rotular, monopolizar ou rebocar por

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

velhos dogmas, clichês ou hábitos”. Renegando as facetas antigas, “a autonomia se define como anticapitalista e antiautoritária, e combate sem tréguas o patriarcado, o capital, o Estado e todas as opressões ditas específicas”. Os participantes dessa corrente, “no sentido amplo”, são milhões, “operários desempregados ou precarizados, estudante sem futuro, presos, camponeses arruinados, imigrantes, ocupantes, insubmissos, gays e lésbicas, prostitutas, grupos solidário”, enfim, todos o que se encontram “à margem do sistema capitalista”. Em sua atuação, “são coletivos e individualidades que se propõem viver a Revolução hoje”, sem esperar o comando de ninguém, nem mesmo “das vanguardas autoproclamadas, cujo dogmatismo e autoritarismo serve apenas para manter a exploração com outro nome”. A rede atua solidariamente com os “presos, ocupantes, insubmissos, coletivos operários de fábrica e estudantis, de contra-informação e ação direta, entre outros movimentos sociais libertários”

Na página seguinte, na matéria “Autonomia & Organização, após dizer que o objetivo da luta é a transformação social através auto-organização dos setores explorados, explicam que a reestruturação do capitalismo exige uma nova abordagem e interpretação dos agentes políticos atuais. Com isso, uma série de fatores são elencados para a permanência e sucesso do projeto:

ORGANIZAÇÃO[...] Queremos uma autentica ruptura com o sistema capitalista, lutamos por uma sociedade sem classes, sem hierarquias, que tenha abolido a família patriarcal, por uma convivência livre e respeitosa com a natureza. Para ajustar-se aos objetivos apontados, nossa organização deve ser assemblaria, na qual sejam respeitadas todas as posições e se busque o consenso possível. Somos contra os profissionais da política, os líderes, os aspirantes a ditadores do proletariado e outros infalíveis coveiros da revolução social. Combatemos as delegações permanentes, a burocracia e todos os demais mecanismos de representação/alienação do protagonismo dos trabalhadores. O fato de pagar uma quantia periodicamente não é suficiente para o compromisso orgânico, isto é, militante. É preciso assumir responsabilidades. Ser autônomo é ser ativo [...] IDEOLOGIA ABERTA [...] A visão libertária dos problemas e das soluções tem mudado, com o passar do tempo. A um mesmo problema tem sido dadas respostas diferentes, em função do contexto histórico, econômico e social. Portanto, mantendo nossos princípios e sem perder de vista nossos objetivos, construímos e desenvolvemos nossa ideologia no cotidiano, através da constante discussão e análise dos temas sociais. Este método nos facilita o reconhecimento, no interior do movimento libertário, de uma questão essencial: o respeito à diversidade. [...] OS SÍMBOLOS [...] Os símbolos, como as palavras, significam alguma coisa. Consideramos equivocadas as teses que falam de superação das contradições mediante a supressão de todo símbolo, pois prescindir deles seria como prescindir das palavras. O que devemos fazer é rechaçar os símbolos que tenham uma carga histórica pejorativa e de desunião. Há quem utilize determinados símbolos para autojustificar seus delírios e defender seus micro-espacos de poder, confundindo a liberdade com uma tirania da própria personalidade sobre a dos demais. Pensamos que a “estrela negra” é o símbolo adequado para superar antigas contradições, além de expressar abreviadamente o movimento autônomo. [...] Em todas as lutas, ressaltamos que o denominador comum, o responsável por todos os problemas é o sistema capitalista^{XL}.

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

Dessa maneira, o texto oferece uma reflexão significativa sobre a centralidade do autonomismo como princípio organizativo e pedagógico no interior da militância anarquista. A organização defendida pelo periódico se fundamenta na recusa das estruturas de dominação características do sistema capitalista, propondo, em seu lugar, a construção de uma sociedade baseada na igualdade, na ausência de hierarquias, na superação da família patriarcal e na harmonia com a natureza. Para tanto, propõe-se uma prática política alicerçada em assembleias horizontais, onde prevaleçam o respeito à diversidade de opiniões e a busca pelo consenso, rejeitando-se a figura do líder, as burocracias, as delegações permanentes e os chamados *profissionais da política*, compreendidos como entraves à emancipação social.

A leitura das edições do *Libera... Amore Mio* evidencia que o periódico não se limitava a registrar a conjuntura, pois produzia um enquadramento próprio do antifascismo ao definir repertórios de ação, linguagem, símbolos e diagnósticos que estruturavam uma verdadeira pedagogia militante. Ao identificar o fascismo não apenas como a violência organizada de grupos neonazistas, mas também como um fenômeno presente no racismo estrutural, na brutalidade policial, no higienismo urbano e na lógica coercitiva do Estado, o jornal ampliava o campo de inteligibilidade do antifascismo e o adaptava às particularidades políticas da Nova República. Nesse processo, o *Libera* incorporava influências internacionais das resistências autonomistas europeias, das culturas juvenis politizadas e da tradição original da cultura skin multirracial e trabalhadora, e convertia essas referências em instrumentos adequados ao contexto brasileiro, marcado por heranças da ditadura e por desigualdades profundas. Essa combinação entre crítica estrutural, formação libertária e prática política cotidiana permitiu que o jornal se tornasse um contra-arquivo militante, capaz de disputar significados com a mídia hegemônica e de consolidar uma gramática própria de resistência. O *Libera* não apenas denunciou a expansão do neofascismo, mas ofereceu ferramentas teóricas e organizativas que fortaleciam a horizontalidade, a autonomia e a ação direta como meios capazes de impedir a normalização do autoritarismo.

Com esse conjunto de práticas e leituras, tornou-se possível o surgimento de iniciativas. Compreender o *Libera... Amore Mio* como núcleo formador e articulador significa reconhecer que o antifa brasileiro surgiu como continuidade de uma tradição libertária que soube adaptar o antifascismo moderno às condições específicas da década de 1990, estabelecendo bases duradouras para as formas atuais de enfrentamento ao autoritarismo.

A análise de Acácio Augusto em *Antifa: Modo de Usar*^{XLII} destaca a criação do ACR em 1995 como marco de uma resposta coletiva ao avanço de setores neofascistas durante a redemocratização. O grupo traduzia o ativismo punk em ação direta orientada por princípios anticapitalistas, antirracistas e antiautoritários, ressignificando o antifascismo a partir da experiência das juventudes suburbanas que enfrentavam simultaneamente a violência estrutural do Estado e ameaças neonazistas. Essa leitura, próxima àquela expressa no *Libera... Amore Mio*, ampliava o

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

conceito de fascismo para além de suas referências históricas clássicas, identificando-o nas práticas policiais, no racismo estrutural, no militarismo e nas políticas higienistas voltadas contra os pobres. Assim, o antifascismo articulava-se a frentes como o feminismo, o antirracismo, a luta antiproibicionista e a defesa da população em situação de rua, sempre mediante redes horizontais de apoio mútuo e vínculos com movimentos sociais autônomos.

Durante a década de 1990, esse campo anarco-punk atuou na linha de frente do enfrentamento às violências neonazistas. Núcleos como o KRAP e o Coletivo Altruísta desenvolveram formas de autodefesa e denunciaram publicamente ataques de skinheads. O ACR reforçou esse processo ao participar da segurança da primeira Parada Gay de São Paulo em 1997, denunciar a prisão de Mumia Abu-Jamal e apoiar lutas internacionais como a causa palestina, enquanto coletivos como o Monanoz evidenciavam o crescimento da pauta antihomofobia dentro do antifascismo. O encontro nacional do ACR no Rio de Janeiro, em 1995, resultou na elaboração de um dossiê sobre grupos neonazistas, marco simbólico de articulação, embora de baixa repercussão institucional. Mesmo com a dissolução de diversos núcleos no final da década por repressão ou esgotamento, experiências como a de Criciúma permaneceram ativas e preservaram grande acervo de memória militante, permitindo que o legado do ACR continuasse vivo em fanzines, panfletos, debates e práticas de resistência disseminadas pelo país^{XLIXLIII}.

Durante a década de 1990, os grupos anarquistas brasileiros desempenharam papel central na consolidação de formas organizativas autônomas voltadas ao enfrentamento das diversas expressões do fascismo. Sua atuação, marcada por práticas diretas de resistência e pela presença constante nas periferias e favelas, posicionou os anarco-punks na linha de frente contra ataques neonazistas e contra o avanço de discursos autoritários no cotidiano urbano. Ao mesmo tempo, sua militância ultrapassava a oposição imediata ao ódio explícito e se articulava em frentes interseccionais – movimento negro, indígena, feminista, LGBTQIA+ e ambientalista – difundindo a compreensão de que essas opressões se entrelaçavam nas estruturas do capitalismo. Integrando esses espaços com uma crítica radical e uma ética autonomista, esses coletivos popularizaram uma pauta antiautoritária e antissistêmica por meio de fanzines, ações culturais, redes de solidariedade e mobilizações de rua, consolidando um repertório político que tensionava os limites da democracia liberal e colocava em questão suas bases sociais de dominação.

Conclusão

A análise da emergência do antifa moderno no Brasil demonstra que suas raízes não estão na recente explosão de conflitos políticos, mas em um processo mais profundo de tradução e reinvenção de repertórios globais de resistência. O percurso internacional do antifascismo, reorganizado no pós-guerra e renovado pelas culturas juvenis e pelos enfrentamentos diretos das décadas de 1970 e 1980, produziu uma gramática estética, política e comunitária que atravessou fronteiras e estruturou

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

formas de ação que combinavam autodefesa, crítica ao racismo e vigilância diante da reorganização neofascista. Esse conjunto de práticas formou um modelo transnacional flexível, capaz de se adaptar a contextos marcados por democracias frágeis e por heranças autoritárias persistentes.

No Brasil, essa gramática global encontrou uma experiência histórica singular, marcada não pelo trauma dos regimes fascistas europeus, mas pela convivência contínua com formas militarizadas de gestão social, racial e territorial. A articulação entre desigualdade estrutural, violência policial, memória da ditadura e práticas comunitárias de resistência moldou uma tradução própria do antifa, combinando repertórios internacionais com tradições libertárias e autônomas que antecederam sua popularização recente. O antifascismo brasileiro emerge, assim, como desenvolvimento orgânico de lutas acumuladas ao longo de décadas, e não como importação tardia de modelos estrangeiros.

Essa especificidade explica a centralidade do jornal *Libera... Amore Mio*, cujas páginas revelam uma cultura política em formação que ultrapassava os limites da denúncia pontual de grupos neonazistas. O periódico identificava o fascismo em dimensões estruturais como o racismo institucional, a violência policial, o nacionalismo autoritário e a permanência de mecanismos repressivos herdados da ditadura. Ao mesmo tempo, registrava práticas de organização horizontal, solidariedade comunitária, estética combativa e pedagogia militante, compondo um arquivo que demonstra como o antifa brasileiro se consolidou como desdobramento do anarquismo cultural e político dos anos 1990, articulando cultura e ação direta, cotidiano e política.

Ao recuperar essa genealogia, torna-se evidente que o antifa contemporâneo não nasce do vazio nem responde apenas à crise democrática recente. Suas raízes estão em uma geração que, bem antes da ascensão global da extrema-direita do século XXI, já disputava narrativas e territórios com grupos autoritários em reorganização. Compreender esse percurso implica reconhecer a persistência de práticas neofascistas no Brasil e, sobretudo, reconhecer a longa tradição de enfrentamento que muitas vezes permaneceu invisível. É nessa continuidade entre passado e presente, entre cultura juvenil e militância, entre memória da ditadura e resistência cotidiana, que se consolidam as bases de uma cultura antifascista autônoma capaz de tensionar o autoritarismo e afirmar que nenhuma reorganização fascista avança sem resposta.

Notas de fim

¹ ROUSSO, Henry. **A última catástrofe: A história, o presente, o contemporâneo**. 1ªed, FGV Editora: Rio de Janeiro, 2016. p.200.

² Página do Facebook da Ação Antifascista São Paulo. Disponível em: <https://www.facebook.com/share/p/15K4bYYD4u/>. Acesso em: 13 mai. 2025.

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

- ^{III} AÇÃO ANTIFASCISTA. Ação Indenizatória contra Dossiê Antifascista. *Página da Ação Antifascista São Paulo no Instagram*, 7 de agosto de 2021a. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CSRpfEdLevl/>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- ^{IV} CARTA CAPITAL. Eduardo Bolsonaro entregou dossiê de antifascistas aos EUA, diz deputado à justiça. *Carta Capital*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/eduardo-bolsonaro-entregou-dossie-de-antifascistas-aos-eua-diz-deputado-a-justica/>. Acesso em: 12 mai. 2025.
- ^V BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019.
- ^{VI} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.32
- ^{VII} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.33
- ^{VIII} MUDDE, Cas. **A extrema-direita hoje**. 1º ed. Eduerj: Rio de Janeiro, 2022. P.30-42.
- ^{IX} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.109
- ^X O *National Front* foi um partido de extrema-direita britânico fundado em 1967, marcado por um programa político abertamente nacionalista, anti-imigração e racialmente hierarquizado. Sua atuação estabeleceu diversos pontos de contato com o neofascismo europeu do pós-guerra, especialmente pela defesa de um Estado autoritário, pela construção de uma identidade nacional homogênea baseada em critérios étnicos e pela adoção de discursos de “ameaça interna” ligados a minorias racializadas. Além disso, o partido incorporava elementos simbólicos e organizativos típicos da tradição fascista, como marchas uniformizadas, retórica de pureza nacional e propaganda voltada à juventude.
- ^{XI} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.114-117
- ^{XII} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.121
- ^{XIII} ELEY, Geoff. Legacies of antifascism: Constructing democracy in postwar Europe. *New German Critique*, nº67, winter,1996, pp.73-100. P.83
- ^{XIV} FRASER, Nancy. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2020. P.13.
- ^{XV} FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira**. 1º ed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.27-31.
- ^{XVI} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.134-135
- ^{XVII} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.122
- ^{XVIII} BRAY, Mark. **Antifa: O manual antifascista**. 1ªed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.147-148
- ^{XIX} NETO, Odilon Caldeira. **Neofascism and the Far Right in Brazil**. 1ªed.Cambridge University Press: Cambridge, 2025. p.1
- ^{XX} NETO, Odilon Caldeira. **Neofascism and the Far Right in Brazil**. 1ªed.Cambridge University Press: Cambridge, 2025. p.30-31
- ^{XXI} NETO, Odilon Caldeira. **Neofascism and the Far Right in Brazil**. 1ªed.Cambridge University Press: Cambridge, 2025.
- ^{XXII} NETO, Odilon Caldeira. **Neofascism and the Far Right in Brazil**. 1ªed.Cambridge University Press: Cambridge, 2025. P. 7-11.
- ^{XXIII} A Blood & Honour é uma rede de promoção musical neonazista e um agrupamento político de extrema-direita fundado no Reino Unido, em 1987, por Ian Stuart Donaldson, vocalista da banda Skrewdriver. Estruturada inicialmente em torno da cena musical *white power*, a organização reúne militantes do nacionalismo branco e atua na difusão de propaganda racista e neonazista por meio de shows, gravações, publicações e redes militantes.
- ^{XXIV} A Editora Revisão foi uma editora brasileira fundada em 1987 pelo militante revisionista Siegfried Ellwanger Castan, tornando-se uma das principais responsáveis pela difusão de literatura negacionista e antissemita no país nas décadas de 1980 e 1990. Seu catálogo consistia majoritariamente na tradução e circulação de obras associadas ao revisionismo histórico e à negação do Holocausto, além de textos conspiratórios e de propaganda de extrema-direita. A atuação da editora foi amplamente contestada judicialmente no Brasil, culminando na condenação de seu fundador por crime de racismo, decisão posteriormente confirmada pelo Supremo Tribunal Federal no emblemático julgamento do caso Ellwanger em 2003 (vide o domínio conclusório do Portal STF, disponível em: https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/publicacaoBOInternet/anexo/link_download/casos_relevantes/pt/HC_82424.pdf, acesso dia 6 de março de 2026), que estabeleceu entendimento de que o antissemitismo constitui forma de racismo perante a legislação brasileira.

DO LIBERTÁRIO AO ANTIFA: A CHEGADA DO ANTIFA MODERNO NO BRASIL ATRAVÉS DAS
PÁGINAS DO JORNAL LIBERA... AMORE MIO

FERNANDES, T. T. L.

-
- xxv NETO, Odilon Caldeira. **Neofascism and the Far Right in Brazil**. 1ªed. Cambridge University Press: Cambridge, 2025. P. 45-46.
- xxvi FERNANDES, Sabrina. **Sintomas mórbidos: A encruzilhada da esquerda brasileira**. 1º ed. Autonomia Literária: São Paulo, 2019. P.178.
- xxvii MORAIS, Lécio; SAAD-FILHO, Alfredo. **Brasil: Neoliberalismo versus Democracia**. 1º ed. Editora Boitempo: São Paulo, 2018. P.66-69.
- xxviii *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1, junho de 1991
- xxix *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.1, n. 1, p. 1, junho de 1991
- xxx *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.1, n. 1, p. 1, junho de 1991
- xxxi *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.1, n. 2, p. 1, julho de 1991
- xxxii *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.2, n. 8, p. 1, janeiro de 1992
- xxxiii *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.5, n. 47, p. 1, abril de 1995
- xxxiv *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.5, n. 47, p. 1, abril de 1995.
- xxxv *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.15, n. 131, p. 3, setembro-outubro de 2005
- xxxvi *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, ano.15, n. 131, p. 3, setembro-outubro de 2005.
- xxxvii *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 2, abril de 1995
- xxxviii *Libera... Amore Mio*, Rio de Janeiro, n. 47, p. 2, abril de 1995
- xxxix *Libera... Amore mio*, Rio de Janeiro, ano.6, n. 63, p. 2, agosto de 1996
- xl *Libera... Amore mio*, Rio de Janeiro, ano.6, n. 63, p. 3, agosto de 1996
- xli AUGUSTO, Acacio. **Antifa: Modo de usar**. 1ªed. Editora Hedra: Rio de Janeiro, 2020. P. 21.
- xlii AUGUSTO, Acacio. **Antifa: Modo de usar**. 1ªed. Editora Hedra: Rio de Janeiro, 2020. P. 30.
- xliii AUGUSTO, Acacio. **Antifa: Modo de usar**. 1ªed. Editora Hedra: Rio de Janeiro, 2020. P. 29.